



PALAVRAS INTERROMPIDAS

Uma garota perdida. Um pai em busca de respostas.

MARCOS DEBRITO

AUTOR DO BEST-SELLER A CASA DOS PESADELOS

MARCOS DEBRITO

**PALAVRAS
INTERROMPIDAS**

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **MONIQUE D'ORAZIO**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Ilustração **RICARDO CHAGAS**

Atores: **ELISA TELLES, PAULO VESPÚCIO, ALAN PELLEGRINO
E JOANA SEIBEL**

Todas as imagens foram cedidas pela
DeBrito Produções Cinematográficas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

DeBrito, Marcos

Palavras interrompidas / Marcos DeBrito. — São
Paulo : Faro Editorial, 2021.

144 p.

ISBN 978-65-5957-012-6

1. Ficção brasileira 1. Título

21-1667

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira B869.3



1ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

1.

UM CÉU HIBERNAL DOS MAIS CINZAS FOI ANUNCIADO

pela alvorada de outro dia. A muralha de nuvens abraçava o horizonte cercado de mar e pairava sobre a enorme plataforma de pesca.

A maré subia e descia pelas colunas de concreto como se fosse o suspiro de Netuno. O deus dos mares investia contra aquelas incontáveis pilastras fincadas em seu reino, açoitando-as com o movimento das ondas que rebentavam na orla. Vista de cima, a plataforma assemelhava-se a um gigantesco crucifixo apoiado sobre a água.

Se a quem estivesse olhando para o mar essa alegoria parecesse uma ode ao cristianismo, os que faziam o trajeto contrário — navegando para a terra firme — encontravam o símbolo invertido com seu presságio agou-

rento. Para encará-la como bênção ou maldição bastava um diferente ponto de vista.

Durante o inverno, eram raros os visitantes que surgiam na costa onde o emblema cristão selava o Atlântico. Na praia deserta, perfeita para a solidão, estavam apenas algumas aves marinhas planando no ar e poucos pescadores acordando da embriaguez após a madrugada ao relento.

Distante, um casal corria na extensa faixa de areia. Em passos cadenciados, o par aproximava-se das pequenas formações rochosas que destoavam no horizonte da vasta paisagem litorânea.

Entre essas pedras, tocado pelo vaivém da maré, descansava inerte o pálido defunto de uma jovem de cabelos negros.



2.

CARLOS INVADIU OS ESTREITOS CORREDORES DO

Instituto Médico Legal com a força atrevida de uma ventania. O desespero no semblante do homem, que já havia ultrapassado o marco dos 50 anos, destacava o receio de confirmar a identidade de quem ele fora chamado para reconhecer.

Na sala de identificação, diante de um cadáver encoberto, Carlos sentia-se incapaz de autorizar a médica-legista e seu assistente a lhe mostrarem o corpo. Durante alguns minutos, ele encarou o volume por debaixo do tecido e rezou em silêncio para que encontrasse um rosto diferente, de alguém que jamais vira.

Sua coragem permitiu, enfim, um leve aceno de cabeça que, embora tímido, foi prontamente interpre-

tado pelo auxiliar de necropsia como a permissão de que precisava.

O rapaz corpulento, de biotipo apropriado para abrir o tórax dos defuntos com o talhador de costelas, puxou o lençol até a altura dos seios da morta e a revelou.

Carlos, abalado, suspirou com um sorriso ensaiado antes de afirmar com a voz trêmula:

— Não é a Fernanda.

Pela troca de olhares entre os funcionários do IML, aquela não era a primeira vez que um parente desolado erguia o escudo da negação. Em respeito à dor de um pai, deixaram-no nutrir sua falsa esperança por mais tempo.

— Parece com ela, mas a minha filha não tem esse cabelo. — Apontou-lhe os fios escuros. — A Fernanda é loira. Essa menina é morena e tem uma tatuagem no ombro. A Fernanda... a Fernanda mal podia ver agulha. — Engasgou ao engolir o choro.

A tinta preta nos cabelos e o estranho selo gravado na pele branca da garota eram os alicerces de uma mentira na qual ele faria de tudo para acreditar. A médica, no entanto, não podia deixá-lo adiar o procedimento.

— Se o senhor preferir ver os pertences que estavam com ela...

— Não é a minha filha! — atravessou Carlos, como se a firmeza na voz lhe conferisse o prodígio de reverter a fatalidade.

A ingrata função de atuar como a portadora de notícias fúnebres acostumara a legista a receber sem mágoas a agressividade daqueles que viam pela primeira vez um ente querido morto. Com delicadeza, ela insistiu:

— O reconhecimento precisa ser feito por alguém da família para que a gente possa seguir com a identificação e liberar o corpo.

Por mais doloroso que fosse admitir ser Fernanda quem descansava naquela cama de metal, não era possível esquivar-se eternamente da realidade de que ela jamais voltaria a abrir os olhos. A primeira lágrima cortou a expressão abatida de Carlos, acompanhada do ressonante lamento de um pai que acabara de atestar o óbito da sua única filha.

Ao ter a identidade do corpo confirmada, o auxiliar anotou o reconhecimento em um formulário enquanto a médica tentava articular uma maneira de dar a notícia seguinte.

— É importante também o senhor saber que, devido às condições em que ela foi encontrada na praia, teremos que fazer um exame mais... detalhado do corpo.

Poucos segundos de silêncio bastaram para o homem entender por que ela havia titubeado.

— Vocês não vão abrir a minha filha!

— A necropsia é exigida por lei quando a morte é suspeita, senhor Carlos.

O pai arregalou os olhos como se fossem saltar das órbitas. A insinuação trouxe um contorno mais trágico ao drama familiar, e ele não quis arriscar interpretá-la de modo incorreto.

— Como... Como assim *suspeita*?

Antes de responder, a legista autorizou com um movimento das mãos o assistente a expor algo que preferiria não ter de mostrar.

Acostumado a manusear defuntos com a mesma indiferença com que um lenhador manejava os troncos cor-

tados de uma árvore, o auxiliar retirou o braço esquerdo da garota para fora do lençol e apresentou os ferimentos que havia entre o pulso e o cotovelo.

— Esses cortes podem ser indícios de agressão — explicou a médica. — Trabalhamos com a hipótese de afogamento, mas não podemos descartar a possibilidade de homicídio. Certeza mesmo só vamos ter depois dos exames.

Como se o falecimento da sua menina já não fosse suficiente para arrastá-lo ao fundo do abismo, a hipótese de ela ter sido assassinada levaria Carlos até o Inferno. Estremecido, não quis mais escutar. Precisava abandonar aquele espaço de agonia o quanto antes.

— Eu só quero enterrar a minha filha — disse para si, angustiado, mas não demorou para o pedido se tornar uma súplica cercada de choro. — Por favor... Quando é que eu vou poder enterrar a Fernanda?

O sangue dos médicos que lidavam diariamente com aquela situação de completo desespero era mais frio que o dos cadáveres. A legista queria atender a expectativa do enlutado mais por questões de praticidade do que por empatia. Era necessário endurecimento para trabalhar com a morte.

— Vamos liberar o corpo hoje, o mais breve possível, junto com o atestado de óbito para o sepultamento. Mas um dos materiais é analisado na capital e o resultado deve chegar em poucos dias. Só então poderemos concluir o laudo.

Por ora, salvar seu anjo daquele leito metálico, onde ela apoiava as costas nuas, era a pequena vitória que daria forças para Carlos não submergir no mar de desgraças onde sua alma já se encontrava. Queria ele dar a sua vida para que Fernanda continuasse a encher os pulmões

de ar. A filha era o que lhe restava, e por mais que tentasse não desabar na frente dos outros, ali, naquela sala fria de azulejos encardidos, deixou romper a barragem das lágrimas que inundou todo o seu rosto.

Nenhuma perda chega emancipada do vazio que aflige os que ficam entre os vivos. Ainda mais se é uma jovem na flor da idade que sucumbe ao inevitável quando deveria ser regada por experiências que a desabrochariam para a maturidade. Terrível era a dor de encontrá-la sem vida, após cultivá-la durante anos com imensa ternura. Enterrear a cria era de uma perversidade inominável.

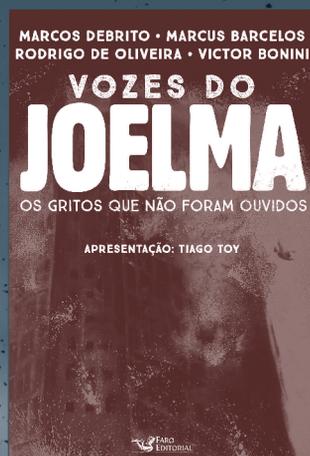
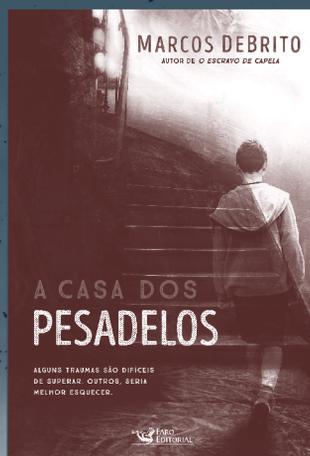
Ajoelhado sobre seu próprio infortúnio, o homem destruído finalmente ergueu o tronco, limpou o nariz e secou as lágrimas que entornavam sobre suas olheiras encovadas. Encenou como pôde a compostura e olhou para Fernanda uma última vez antes de acenar com a cabeça e conceder a autorização para voltarem a cobri-la.



Ancorado ao guichê do Instituto Médico Legal onde retiravam-se os documentos, Carlos exibia a ruína de um pai marcado pela pior das tragédias.

Foram-lhe entregues o atestado de óbito junto a uma embalagem plástica contendo os pertences encontrados com a filha, e assim ele partiu para que pudesse fazer o velório.

TAMBÉM DO AUTOR:



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2021